

Dez anos
não chegam para
esquecer um
grande amor.

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

PENELOPE
WARD

O DIA
em que ele
VOLTOU

TOP
SEL
LER

Prólogo

Raven

Alcancei o cimo das majestosas escadas em espiral. Vi-me obrigada a passar pelo antigo quarto do Gavin para chegar à suite principal. E sempre que passava pelo quarto, lembrava-me dele.

O meu trabalho nesta casa era, no mínimo, uma ironia da vida. A mansão que outrora albergara tanta vida dentro das suas paredes era agora uma concha tranquila e ecoante. Mas a sua beleza continuava inalterada. Situada na elegante Palm Beach, a casa tinha vista para o oceano Atlântico e, quando as janelas estavam abertas, era sempre possível escutar o murmúrio das ondas.

Tinha sido nesta casa que eu me apaixonara e sofrera um desgosto amoroso, e tudo isto no mesmo verão.

Dez anos depois, eu estava de volta. Os únicos empregados que restavam eram o mordomo, a governanta e eu — a enfermeira de dia. Estávamos aqui para servi-lo somente a ele. O Sr. M fora gentil com o Fred e a Genevieve ao longo dos anos, por isso eles permaneceram leais, embora eu esteja certa de que poderiam ter sido aliciados por outros clientes ricos da ilha se estes lhes tivessem oferecido mais dinheiro.

E eu? Eu fiquei aqui porque ele me pediu para ficar. Quando a firma de enfermeiras particulares para a qual eu trabalhava me deu a morada deste serviço, quase desmaiei. E estive prestes a rejeitar o trabalho, por uma questão de conflito de interesses. Não conseguia conceber a ideia de trabalhar para o pai do Gavin ao fim de todo este tempo.

Mas acabei por deixar-me levar pela curiosidade de saber o que encontraria aqui, de descobrir a gravidade da doença do Sr. M. A minha ideia inicial era trabalhar lá um dia e depois pedir transferência. Achei que o mais provável era o Sr. M não se lembrar de mim. Mas depois... ele chamou-me Renata. E isso mudou tudo.

Os dias foram-se somando e eu comecei a sentir que tomar conta dele era o mínimo que podia fazer. Ele sempre fora gentil comigo, no passado e no presente. Eu sentia mesmo que era o destino.

Abri a porta do quarto dele.

— Como se sente depois da sua sesta, Sr. M?

— Estou bem — disse ele, fitando o espaço.

— Ótimo.

Ele virou-se para mim.

— Estás bonita, Renata.

— Obrigada.

— Ora essa.

Abri as persianas para deixar entrar alguma luz no quarto.

— Vai apetecer-lhe dar um passeio mais logo? Hoje não está muito calor lá fora.

— Sim.

— Então está combinado.

Embora pudesse parecer uma interação rotineira entre um cliente e a sua enfermeira, isto não era nada normal. O meu nome não é Renata e há algum tempo que a memória do Sr. M já não é o que era.

A Renata era a minha mãe. Ela trabalhou nesta casa durante mais de 12 anos, como governanta-chefe, e era próxima do Sr. M, mais conhecido como Gunther Masterson, um conceituado advogado dos famosos. Deixei que ele acreditasse que eu era ela, a sua velha amiga e confidente. Eu sabia como ela fora importante para ele. Eu sabia que era parecida com ela. Não me importava de manter a memória dela viva. Por isso, alinhei na farsa.

Divertia-me imenso recordar agora a altura em que eu tinha sido proibida de entrar nesta casa. Eu era uma rapariga rebelde de

cabelo escuro que vivia do outro lado da ponte e que destoava num mar de debutantes loiras e perfeitas de Palm Beach. A rapariga que outrora conquistara a afeição do querido filho mais velho de Ruth Masterson e herdeiro do legado dos Mastersons, o filho que desafiara a mãe para me conquistar.

Volvidos anos, a situação na mansão não poderia ser mais diferente. Nunca imaginara o quanto me afeiçoaria ao Sr. M.

Quando estava prestes a ajudar o Sr. M a sair da cama, ouvi uma pancada na porta.

— Entre — disse eu.

A Genevieve apareceu e murmurou as palavras que haveriam de mudar todo o curso do dia.

— Sr. Masterson? O seu filho Gavin está lá em baixo. — Ela fitou-me com uma expressão de preocupação. — Não estávamos a contar com ele. Mas ele acabou de chegar de Londres e quer subir, para vê-lo daqui a pouco.

Senti um aperto no coração.

O quê?

O Gavin?

O Gavin está cá?

Não.

Não pode ser.

A Genevieve sabia o que isto implicava. Ela já trabalhava aqui quando a situação entre mim e o Gavin descambou.

— Lamento, Raven — murmurou ela, suficientemente baixo para que o Sr. M não ouvisse.

Depois de ela voltar para o piso de baixo, eu entrei em pânico. *Ele devia estar a um oceano de distância! Ele devia ter-nos avisado da sua vinda.*

Não tive tempo para me preparar. Quando dei por mim, estava com os olhos fixos no olhar estupefacto do único homem que alguma vez amara e que não via há uma década. Nunca sonhara que hoje — uma quarta-feira igual a todas as outras — seria o dia em que ele iria voltar.

Raven

Dez anos antes

A minha mãe aproximou-se de mim na cozinha, vinda de trás.
— Houve uma pequena mudança de planos, Raven.

Parei de limpar o granito brilhante do tampo da ilha central.

— O que se passa?

— Preciso que pares de limpar e que vás às compras. Os meninos voltam hoje de Londres. A Ruth só nos avisou agora.

Os *meninos* a quem se referia eram o Gavin e o Weldon Masterson, os filhos da Ruth e do Gunther Masterson, os nossos patrões. Gavin tinha uns 21 anos e Weldon era três ou quatro anos mais novo. Eu nunca os tinha conhecido porque a minha mãe nunca me levava com ela para o trabalho quando eu era mais nova. Mas volta e meia ela mencionava os meninos. Pelo que eu tinha percebido, o regresso deles da Europa era uma espécie de segunda chegada de Cristo. Eu sabia que o Gavin tinha concluído recentemente a sua licenciatura em Oxford e que o Weldon frequentava um colégio interno em Londres.

A minha mãe era a governanta dos Mastersons há mais de uma década. Eles tinham decidido recentemente que precisavam de mais pessoal a trabalhar na casa durante os meses da primavera e do verão enquanto os rapazes estivessem em casa, por isso a minha mãe arranjou-me um part-time como auxiliar de governanta durante esse período. Ao contrário de muitas outras pessoas que viviam na ilha, os Mastersons não tinham por hábito passar o verão no Norte. Permaneciam na casa o ano todo.

A mansão ficava a uma ponte de distância do local onde eu vivia em West Palm Beach, se bem que, na verdade, parecia que havia todo um mundo a separar-nos.

— A que horas chegam eles? — perguntei.

— Pelos vistos, acabaram de aterrar no Palm Beach International.

Que bom.

Ela entregou-me uma folha de papel.

— Leva esta lista de compras e vai ao supermercado. Não compres nada que não seja orgânico, senão ainda salta a tampa à Ruth.



A visita ao supermercado demorou mais tempo do que eu desejava. Ter de ler as etiquetas e certificar-me de que tudo o que trazia era orgânico foi uma grande chatice.

Quando comecei a guardar as mercearias na cozinha, reparei numa pessoa sentada ao canto da zona de pequeno-almoço, junto à janela.

Reconheci-o das fotografias. Era o filho mais novo, o Weldon. Tinha cabelo loiro-escuro e feições delicadas. Era muito parecido com a Ruth.

Parecia completamente alheio à minha presença, enquanto devorava uma tigela de *chili con carne* com o rosto colado ao telemóvel.

— Olá — disse-lhe eu. — Sou a Raven.

Nada. Nem uma palavra.

— Olá — repeti.

Nada.

Serei invisível?

Ele não estava a usar fones. Eu *sabia* que ele me tinha ouvido, mas nem se dignara a levantar o olhar.

Murmurei em surdina, certa de que ele não me escutaria, de tão embrenhado que estava a percorrer as publicações do telemóvel.

— Ah, muito bem. Já percebi. És um imbecil egoísta e ignorante que não considera alguém com uma conta bancária mais magra

digna de reconhecimento. Porque é que não continuas a olhar feito tonto para o telemóvel como se eu não existisse? Merecias que te dessem duas chapadas.

— Ou três — disse uma voz grave vinda de trás de mim.

Merda!

Devagar, virei-me e dei de caras com o par de olhos azuis mais hipnotizantes que alguma vez tinha visto.

O outro irmão. O Gavin.

Ele esboçou um sorriso de orelha a orelha. Ao contrário do Weldon, que parecia desprovido de toda e qualquer personalidade, o Gavin Masterson transpirava charme só com o seu sorriso. Era deslumbrante. Para ser franca, parecia uma estrela de cinema, e muito mais adulto do que as fotografias afixadas nas paredes deixavam perceber.

O coração caiu-me aos pés.

— Hum...

— Não há problema. Eu não digo nada. — Ele esboçou um sorriso e olhou de relance para o Weldon. — E para que conste, foi bem merecido.

Eu gaguejei.

— Mesmo assim... hum... foi um comentário inconveniente. Eu só...

— Acho que foi mais do que conveniente. Precisamos de mais pessoas nesta casa que sejam sinceras e que chamem os bois pelos nomes.

Hum, está bem.

— A sério, como é que conseguiste ouvir o que eu disse? — perguntei. — Eu murmurei aquilo. Nem me apercebi de que tinha falado em voz alta.

Ele apontou para o ouvido.

— Já me disseram que tenho uma excelente audição. — Ele estendeu-me a mão. — Sou o Gavin.

Aceitei-a.

— Eu sei.

A mão dele era muito maior do que a minha. A sensação de tocar nos seus dedos compridos e masculinos foi quente e elétrica.

— É um prazer conhecer-te, Raven.

Eu não lhe tinha dito o meu nome.

Senti um arrepio na espinha e disse:

— Sabes quem eu sou...

— Claro que sei. A tua mãe está sempre a falar de ti. Eu sabia que agora estás a trabalhar aqui. Andava à tua procura... para te cumprimentar. Se bem que quase te tratei por Chiquita.

— Chiquita?

Retraí-me quando ele esticou o braço para arrancar um autocolante minúsculo da minha camisola. Aquele breve toque provocou-me arrepios. Ele colou-o nas costas da mão. *Chiquita*. Como nas bananas *Chiquita*. O autocolante devia ter caído do cacho de bananas que eu tinha comprado.

Senti o rosto quente.

— Oh. — Certamente estava a corar.

Voltei a erguer os olhos para ele. O Gavin tinha o cabelo mais escuro do que o Weldon, sendo de uma tonalidade acastanhada, e era mais comprido à frente e despenteado. Parecia uma versão mais jovem do pai. O Gavin era o meu tipo de homem, sem tirar nem pôr: alto e bem constituído, olhos expressivos e um sorriso arrasador e ligeiramente malicioso. Estava a usar um blusão de cabedal, que ampliava a sua aura de homem misterioso.

— Não te apercebeste de que estão 32 graus nos Estados Unidos? Estás vestido como se ainda estivesses a viver em Londres. Estou a ficar com calor só de olhar para ti.

Pronto. Isto soou mal.

— Ai estás?

Ele aproveitou a deixa. Que bom.

— Bem... — disse ele. — Estava no carro com ar condicionado e passei para a casa com ar condicionado, por isso não me apercebi de que estava tanto calor. Mas tenho a noção de que está um calor infernal lá fora. — Num ápice, livrou-se do blusão. — Mas, uma

vez que ficas com calor só de olhar para mim, eu dispo-o. — Puxou a t-shirt pela cabeça, revelando um peito atlético.

— Melhor?

Engoli em seco.

— Sim.

Ele cruzou os braços musculados.

— Diz-me lá outra vez em que escola é que andas...

Levantei o olhar.

— Fiz uma pausa nos estudos. Frequentei a escola secundária de Forest Hill, em West Palm. Vou assistir a algumas aulas na faculdade no outono.

— Estou a perceber.

— Daqui a uns anos, espero poder transferir os créditos para uma universidade mais conceituada — acrescentei.

— Boa. E que licenciatura vais escolher?

— Enfermagem. E tu? Não vais agora para a faculdade?

— Sim. Estou a fazer Introdução ao Direito — disse ele.

— Vais estudar Direito no outono?

Ele confirmou com um aceno de cabeça.

— Em Yale.

Tossi, numa tentativa de parecer descontraída.

— Não é uma má escolha.

— Não consegui entrar em Harvard, por isso vou ter de me contentar com Yale. — Ele revirou os olhos, não de uma forma pretensiosa, mas sim autodepreciativa.

— Certo. Yale. Realmente, é passar de cavalo para burro. Os teus pais devem estar *muito* desapontados.

Ele riu-se baixinho, com os olhos pregados em mim. Limitou-se a olhar para mim, mas, mesmo assim, eu *senti* qualquer coisa.

Voltámos a atenção para o Weldon, que se tinha levantado e caminhava na nossa direção. Pelo caminho, deixou a tigela suja de *chili* à beira do lava-louça.

Quando o Weldon se preparava para sair da cozinha, o Gavin chamou-o.

— O que é que estás a fazer?

— Como assim? — respondeu ele.

Pelos vistos, não é surdo.

— Passa a porcaria da tigela por água e mete-a na máquina de lavar loiça.

Bem, se eu já gostava do Gavin...

O Weldon olhou para mim pela primeira vez.

— Não é para isso que *ela* cá está?

Obriguei-me a ficar de boca fechada e desviei o olhar de um para o outro. O Gavin não precisou de dizer nada. O seu olhar gélido disse tudo.

Para meu espanto, o Weldon obedeceu às ordens do Gavin sem argumentar mais nada. Tornou-se claro quem era o irmão mais velho.

Depois de o Weldon abandonar a cozinha com uma expressão de exasperação, o Gavin virou-se para mim.

— Ele deve julgar que é algum príncipe Harry.

Eu ri-me.

— Tenho quase a certeza de que o Harry teria colocado a tigela suja na máquina de lavar loiça sem que lho tivessem ordenado.

— Bem visto. O Harry parece ser muito fixe. E o Will também.

— Por falar em realeza, imagino que deva ser muito fixe viver em Londres.

— É, sim. Caso os teus pais decidam mandar-te para um colégio interno, suponho que possa haver lugares piores. Depois de ter frequentado o colégio interno em Londres, não queria sair do país, e foi por isso que escolhi a Universidade de Oxford. Foi a minha desculpa para permanecer em Inglaterra. Adorava voltar a viver lá um dia. Vou sentir falta daquilo. É o total oposto de Palm Beach, e digo isso como um elogio. Na maior parte dos dias, o tempo está enublado, mas as pessoas não são cópias em papel químico umas das outras.

— Talvez o melhor seja manter-me calada em relação a essa observação.

— Oh, mas é *tão* mais divertido quando não o fazes — disse ele, com uma centelha nos olhos. — Prefiro que sejas sincera. Nem imagino o que, por vezes, irás para casa a pensar.

— Só de vez em quando. Este trabalho consegue ser esgotante. Mas sinto-me uma felizarda por trabalhar aqui. É o local mais bonito onde já estive e é muito melhor do que trabalhar num supermercado. — Olhei em redor. — Por falar em supermercado... é melhor acabar de guardar as compras.

Enquanto eu voltava à tarefa de guardar as mercearias nos armários e no frigorífico, o Gavin deixou-se ficar por perto. Tentou até ajudar-me. Pegou num pacote de farinha integral e abriu vários armários, à procura do local onde a guardar.

Ri-me baixinho.

— Não sabes o lugar das coisas, pois não?

— Não faço a menor ideia.

— Mas eu dou-te nota máxima pelo esforço.

Estávamos os dois a rir quando a Ruth Masterson entrou na cozinha. Sempre que ela entrava numa divisão, eu punha a tocar uma música maléfica na minha cabeça, como aquela que acompanha a entrada da Bruxa Má do Oeste d'*O Feiticeiro de Oz*. Por outras palavras, ela não era uma pessoa muito agradável.

— Gavin, aí estás tu. — O olhar dela descaiu até ao peito dele. — Veste uma camisola, por favor. E porque é que estás com a farinha na mão?

— Estava a tentar ajudar. — O Gavin pegou na t-shirt que estava em cima da bancada e vestiu-a. — O que é que se passa, mãe?

O olhar dela prendeu-se em mim antes de dizer:

— Preciso que subas. Encomendei um smoking para usares na gala desta noite. Tens de o experimentar, pois pode ser necessário fazermos alterações de última hora. Não temos muito tempo. — O olhar dela voltou a pregar-se em mim.

Se um olhar pudesse matar...

— Já subo.

Ela não se moveu nem um centímetro.

— Sobe já.

— Hum, está bem. — Incomodado, o Gavin virou-se para mim.

— Falamos mais tarde, Raven.

Acenei com a cabeça em concordância, demasiado nervosa para produzir um som que fosse, dado o olhar que a mãe dele tinha fixado em mim.

Depois de o Gavin sair da cozinha, a Ruth permaneceu lá durante algum tempo. O olhar dela era invasivo e os seus olhos estavam cheios de algo que fazia lembrar repulsa, ao mesmo tempo que me lançava um olhar dardejante. Mesmo sem falar, eu entendi a mensagem.

Mantém-te bem longe do meu filho.



Nessa noite, depois de os Mastersons saírem para a gala de beneficência, eu e a minha mãe atravessámos de carro a ponte em direção a casa por volta das 20 horas. O sol estava a pôr-se e as palmeiras visíveis ao longe pareciam dançar lentamente na brisa noturna.

À exceção de uns quantos bairros que rodeavam a ponte junto ao rio, West Palm Beach, onde eu vivia, era uma zona residencial ocupada por famílias da classe média. O oposto da opulenta e pomposa Palm Beach. As mansões enormes foram rapidamente substituídas pelas casas modestas de um piso feitas de estuque.

Enquanto eu olhava pela janela para uma mulher que percorria Flagler Drive de patins em linha, a minha mãe arrancou-me aos meus pensamentos.

— Estava tão ocupada a preparar os empregados todos para a gala, que nem me apercebi se conheceste os rapazes.

— Conheci. Mas foi muito rápido. O Weldon é um idiota.

A minha mãe riu-se.

— Pois é. Consegue ser. E o Gavin?

Senti as faces a arder.

Que pergunta vem a ser essa? Acalma-te, Raven. No que diz respeito ao Gavin, não tens a mínima hipótese.

— Por acaso, o Gavin é muito simpático.

Ela olhou-me de relance.

— Só isso? Muito simpático?

— É... — Decidi ser sincera. — É querido... e uma brasa.

— Ele é *mesmo* um rapaz muito bonito. O Weldon também é, mas, por causa do feitio que tem, quase nem damos por isso. O Gavin é bom rapaz. Conheço-os desde que eram pequenos e a tua avaliação inicial está correta em relação aos dois. É espantoso como os miúdos conseguem sair a cada um dos pais. O Gavin sai ao Gunther. Já o Weldon... é um clone da Ruth.

Pensar na Ruth causou-me arrepios.

— Ela é cá uma cabra! E porque é que ela usa sempre aquele colar de diamantes? Parece que é a primeira coisa que põe no corpo quando acorda. Vi-a usá-lo no outro dia quando estava de pijama.

— Harry Winston. A Ruth gosta de exhibir a sua riqueza. Aquele colar foi a forma que ela arranjou de mostrar que é superior a todos os outros.

— Ela é tão snobe. E mal-educada.

Ela abanou a cabeça.

— Há anos que lido com aquela mulher. Ela só não me despediu ainda porque o Gunther não deixa.

— Ela apanhou-me a falar com o Gavin e lançou-me um olhar fulminante.

— Bem, acredita que, se depender dela, tu não vais chegar nem perto dele.

— Isso já eu sei.

2

Raven

Quando cheguei à casa no dia seguinte, vi o trabalho que me esperava. Os filhos dos Mastersons tinham organizado uma festa na piscina. *Que bom.* Um grupo de belas raparigas loiras em biquínis diminutos estava junto à piscina ampla. Inicialmente, não consegui encontrar o Gavin, mas depois apercebi-me de que ele estava escondido atrás desse grupo de raparigas, todas à volta da espreguiçadeira dele. Uma delas estava pendurada nele.

Odiei o facto de isso me provocar ciúmes. *É bom que ultrapasasses isso depressa.*

Já era suficientemente mau ter ouvido a conversa dessas raparigas quando estavam a mudar de roupa na casa de banho pouco tempo antes. Cochichavam sobre as proezas sexuais do Gavin, entre outras coisas que eu fingi não ouvir. Até ao momento, tinha conseguido não ir lá fora.

Mas foi então que a minha mãe apareceu e disse:

— Raven, leva-lhes estas toalhas limpas e pergunta-lhes se querem comer ou beber alguma coisa. Se não tivermos aqui em casa, vai comprar.

Merda.

Com relutância, dirigi-me para a zona da piscina. O sol abateu-se sobre mim e a água da piscina salpicou-me os pés, molhando-me os sapatos. Tentei deixar apenas as toalhas numa das espreguiçadeiras vazias para poder escapar novamente para dentro de casa,

mas depois lembrei-me que a minha mãe me tinha pedido que lhes perguntasse se queriam alguma coisa.

Apesar de sermos governantas, éramos responsáveis por tudo o que envolvesse fazer compras e servir os convidados. Só não limpávamos rabos. Por norma, esses serviços não me incomodavam. Mas servir as galdérias do Gavin e do Weldon era a última coisa que me apetecia fazer.

Tossi as palavras:

— Alguém deseja alguma coisa? — A minha voz estava mais aguda do que o normal, numa expressão dissimulada de simpatia.

Quando contava que ninguém me ouvisse, aconteceu exatamente o oposto. Começaram todos a fazer os seus pedidos uns em cima dos outros, que iam desde bebidas do Starbucks a sanduíches. Era impossível memorizar aquilo tudo.

Por fim, o Gavin lá saiu de trás do harém que o rodeava.

— Tenham calma! Ela é só uma pessoa. Escolham um local. — Como ninguém parecia capaz de decidir-se, ele disse: — Pronto. Decido eu, então. Starbucks. — Entregou o telemóvel à rapariga que se encontrava ao seu lado. — Escreve aquilo que queres e depois passa o telemóvel.

Quando todos já tinham apontado os pedidos, o Gavin recolheu o telemóvel.

Depois, vestiu uma t-shirt e fez sinal com a cabeça.

— Vamos.

— Vens comigo? — perguntei, seguindo atrás dele.

— Vou. Não és obrigada a carregar as tretas todas que eles pediram. Trabalhas para os meus pais, não para eles.

O Gavin conduziu-nos a um reluzente *Mercedes* preto estacionado em frente à casa. Normalmente, eu conduzia o velho *Toyota Camry* da minha mãe para fazer os recados. Nunca tinha andado num carro tão bom como o do Gavin.

Ele desativou o alarme do carro e entrámos. Senti o calor que emanava da pele do assento e o cheiro a água-de-colónia do Gavin, que fazia lembrar o cheiro da madeira e era ao mesmo

tempo inebriante e excitante. De certo modo, parecia-me perigoso estar ali.

Virei-me para ele.

— Não precisavas de ter vindo comigo. Eu dava conta do recado.

Ele colocou o cinto de segurança e disse:

— Precisava de uma pausa.

Em seguida, ligou o motor e arrancou mais depressa do que eu estava à espera.

— A mim pareceu-me que estavas nas tuas sete quintas — disse-lhe eu.

Ele olhou para mim de relance com a sobrancelha arqueada.

— O que te leva a dizer isso?

— Bem, tinhas um harém de belas raparigas à tua volta. Que homem não ficaria satisfeito com isso?

— Ser um gajo rico tem as suas vantagens, mas nem sempre as coisas são aquilo que parecem.

— Ah, sim?

— Vou-te dar um exemplo. Reparaste naquela rapariga loira ao meu lado?

Ri-me.

— Tens de ser mais específico. Elas são todas iguais.

— Pois, és capaz de ter razão. Bem, estava a referir-me à rapariga de biquíni verde que esteve colada a mim o tempo todo.

— Ah, sim.

— É a minha ex-namorada da escola secundária.

— OK...

— Reparaste no rapaz com uns calções cor de laranja?

— Sim.

— É o meu ex-melhor amigo e atual namorado dela. Penso que consegues somar dois mais dois.

— Ela traiu-te com *ele*?

— Não foi bem assim. Nós terminámos depois de eu ter ido para Londres. Eu frequentava a escola secundária aqui, antes de a minha mãe decidir que um colégio interno era uma ideia melhor.

De qualquer das formas, eu regresssei a casa nesse primeiro verão e descobri que eles namoravam.

— Que merda. E ela agora está a atirar-se a ti nas barbas dele. Que putedo.

Ele riu-se.

— Ele ou ela?

— Os dois.

— Tens uma boca porca, Raven. Gosto de uma rapariga que não tem medo de dizer *putedo*.

— Saiu-me. Eles merecem-se um ao outro. Porque é que os convidaste?

— Já nada disso me incomoda, na verdade. Parece que aconteceu há uma eternidade. Eu segui em frente. São só pessoas com as quais cresci. Conheço-os desde que éramos miúdos e parece que não consigo livrar-me deles. Vivem por perto e aparecem aqui em casa mesmo sem serem convidados.

— E as outras raparigas? Namoras com alguma delas?

Ele hesitou.

— Enrolei-me com algumas no passado.

Não consegui deixar de acrescentar:

— Ao que parece, ao mesmo tempo.

— Porque é que dizes isso?

— Ouvi sem querer uma conversa interessante quando as tuas amigas estavam a mudar de roupa na casa de banho hoje de manhã. Estavam a comparar apontamentos, e pode acontecer que tenham referido um *ménage à trois*.

E também referiram que eras um rapaz avantajado.

Ele revirou os olhos.

— Que bom.

As orelhas dele ficaram ligeiramente vermelhas. Chamou-me a atenção porque ele não me parecia o tipo de rapaz que ficava embaraçado com coisas dessas. Mas, pelos vistos, ficava.

— Isso só aconteceu uma vez. Foi uma ideia parva. Eu estava um bocado bêbedo e...

— Pois. Não precisas de te justificar.

— Seja como for, não ando enrolado com nenhuma delas. Isso aconteceu há muito tempo. Mas seria simpático da parte delas se parassem de falar disso em locais onde as pessoas as podem ouvir em casa dos meus pais. — Parecia verdadeiramente irritado.

— Vai por mim. As raparigas são piores do que os rapazes — disse eu.

— Oh, não tenho a menor dúvida. Sobretudo *aquelas* raparigas. Parámos no *drive-thru*. Ele virou-se para mim.

— O que é que queres?

Fui apanhada de surpresa, por isso abanei a cabeça.

— Oh... é melhor não.

— O que é que queres? — repetiu ele.

— Um *macchiato* de caramelo grande e quentinho.

Ele falou na direção do intercomunicador.

— Um *macchiato* de caramelo grande e quente e um *shot* triplo com gelo, por favor.

— Mais alguma coisa? — perguntou a senhora.

— Não, obrigado.

— E as bebidas dos outros?

— Eles que esperem. Primeiro, vamos beber as nossas bebidas em paz.

Hã? Isto estava a tornar-se uma saída interessante.

A empregada entregou-lhe as bebidas na janela ao lado e ele passou-me a minha antes de avançar para o parque de estacionamento, onde parou num local à sombra e ligou o ar condicionado.

Dei o primeiro gole no líquido espumoso e quente.

— Obrigada.

Ele recostou a cabeça no assento.

— Ahhh... que agradável.

— Não te importas de deixar os teus amigos à espera?

— Nem um bocadinho. Se estiverem assim tão necessitados de café, podem ir à cozinha e prepará-lo.

Ri-me baixinho.

— Como é que te tornaste tão diferente do teu irmão?

— Ah. Ouvei dizer que a ama o deixou cair ao chão quando era bebé.

— A sério?

— Não. Estava a brincar.

— Eu era capaz de acreditar. — Suspirei e baixei o olhar para o copo. — Bem, foi uma pausa agradável e inesperada. Mas tenho a certeza de que a tua mãe ficaria fora de si se soubesse que estavas aqui comigo.

— Ela não tem de saber.

Não fez o menor esforço para minimizar a reação da mãe: ira.

— Sim, tenho a certeza de que eu ficaria em maus lençóis.

Ele franziu o sobrolho e mudou de assunto.

— O que gostas de fazer para te divertires, Raven?

Não tive de pensar durante muito tempo na resposta.

— Jiu-jítsu.

Ele arregalou os olhos.

— Não acredito... Eras capaz de me dar um enxerto de porrada?

— Talvez. Se não me obrigares a ter de considerar essa opção, nunca terás de descobrir — respondi eu, piscando-lhe o olho.

— Caramba. Conta-me mais. Como é que começaste a praticar jiu-jítsu?

— Há alguns anos, quando ia a passar pelo estúdio, olhei pela janela e vi uma pessoa a imobilizar outra e achei que seria divertido experimentar. Por isso, inscrevi-me numas aulas, e o resto é história.

Por estes dias, a maior parte do dinheiro que eu ganhava era gasto em aulas de artes marciais.

— Praticas jiu-jítsu para tua proteção?

Encolhi os ombros.

— Há uma ideia errada de que as raparigas só querem aprender jiu-jítsu por uma questão de defesa pessoal. É claro que essa é uma das vantagens. Não vivo no melhor dos bairros e é bom saber que consigo defender-me a mim própria caso aconteça alguma coisa.

Mas essa não é a principal razão para praticar jiu-jítsu. A verdade é que é... divertido. É fantástico ver aquilo que o corpo consegue fazer, como estrangular alguém com as pernas.

— Caramba. Lembra-me para não te pisar os calos. Sem ofensa, mas tu és minúscula. Nunca te imaginaria capaz de me imobilizar.

— É isso que o jiu-jítsu tem de bom. Não precisas de ser grande para ser um praticante avançado. Eu consigo imobilizar pessoas que têm quase o dobro do meu peso.

Os olhos dele quase lhe saíram das órbitas.

— Bolas! É errado que eu até sinta vontade que pratiques em mim?

Passou-me pela mente uma imagem de mim a prendê-lo ao chão e a pôr-me em cima dele. Não sei bem porque é que a mão dele me agarrava o pescoço nessa fantasia.

Engoli em seco, sentindo-me afogueada.

— E tu? O que é que fazes para te divertires?

— Não estou certo de que consiga superar isso.

— Praticas algum desporto?

— Esgrima e lacrosse.

— A esgrima é considerada uma arte marcial, não é? — perguntei.

— Isso é discutível. De certa forma, é, até pela destreza que é necessária e pela utilização de uma indumentária própria e de máscara. Mas, ao mesmo tempo, é um desporto. Simplesmente dou tudo por tudo para não me espetarem uma espada. É uma boa forma de purgar a frustração que sinto pelo Weldon.

— Ena. Pois — disse eu, rindo-me. — O que mais fazias em Londres?

— Gosto de improvisação.

— Isso é aquilo em que as pessoas vão inventando cenas para dizer?

— Sim, é isso mesmo.

— Assistes a esses espetáculos?

— Não, eu gosto é de participar. Gosto de representar.

— A sério? Isso é muito fixe. Onde?

— Havia um clube perto da minha escola. Convenci os donos a deixarem-me participar, apesar de ser o mais novo de todos.

— Deve ter tão difícil pensar assim tão fora da caixa.

— Sim, mas é isso que o torna divertido. Ficarias surpreendida com aquilo que a tua mente é capaz de fazer sob pressão. E a verdade é que não há uma forma errada de o fazer, porque, quando metes água, ainda tem mais piada.

— Os teus pais sabem que gostas disso?

— O assunto veio uma ou duas vezes à baila. O meu pai achou que era porreiro, mas a minha mãe não tem grande sentido de humor para o apreciar.

— Pois. Já deu para perceber.

Por falar na mãe dele... por muito que eu quisesse continuar ali com ele, estava a sentir-me um tanto nervosa por estar longe do meu posto de trabalho. A minha mãe também devia estar a perguntar-se onde é que eu andaria. Eu tinha sempre receio de que as minhas ações se repercutissem nela.

Mesmo assim, ficámos no carro dele a conversar, até que eu finalmente olhei para o meu telemóvel.

— É melhor irmos andando.

— Tem mesmo de ser? Preferia ficar aqui a conversar contigo. Sabe bem ter uma conversa a sério, para variar, em vez de estar a ouvir falar da idade necessária para poder pôr botox ou o melhor centro de estética para fazer manicure. — Ele suspirou. — Mas concordo que *o melhor* é levar-te de volta, para não ouvires uma reprimenda.

O Gavin ligou a ignição e contornou o *drive-thru* para fazer o extenso pedido de bebidas para os amigos. Enquanto ele falava na direção do intercomunicador, eu aproveitei a oportunidade para o admirar: as grandes mãos cheias de veias a rodear o volante. O relógio grosso em volta do pulso. O cabelo grosso e desalinhado à conta de ter estado ao ar livre o dia todo. Já tinha a pele mais bronzeada do que no dia anterior, depois de ter passado apenas uma tarde ao sol.

Tinha um rosto belíssimo. Talvez seja um termo estranho para descrever um rapaz, mas era uma palavra adequada para alguém com umas pestanas mais compridas do que a maioria das mulheres e lábios grossos e perfeitos que eu gostaria de sentir contra os meus, nem que fosse por uma só vez.

Virou-se subitamente para mim e eu desviei o olhar, preocupada com a possibilidade de ter sido apanhada a fitá-lo. Mas ele limitou-se a entregar-me dois tabuleiros de cartão para levar ao colo na viagem de regresso a casa. Coloquei um terceiro tabuleiro junto aos pés. Os cubos de gelo agitaram-se dentro dos copos quando ele arrancou com o carro a toda a velocidade.

Passámos pelas lojas chiques de Worth Avenue — lojas em que um artigo da montra custava mais do que aquilo que eu ganhava num ano inteiro — antes de virarmos para a estrada secundária que ia dar à mansão dos Mastersons.

Senti o calor na pele ao sair do carro do Gavin, um forte contraste com o ambiente fresco no interior gerado pelo ar condicionado.

Quando voltámos à zona da piscina, os amigos dele estavam novamente a falar uns por cima dos outros. Uma das raparigas estava agora sentada ao colo do Weldon. Pelos vistos, durante a ausência do Gavin, elas contentaram-se com a segunda opção. O Weldon não parecia minimamente incomodado.

— Porque é que demoraste tanto tempo? — perguntou a rapariga do biquíni verde.

Argh. A ex-namorada dele. Que ódio.

— Apanhámos uma fila do caraças. — Ele lançou-me um olhar cúmplice que me provocou arrepios.

Durante o resto da tarde, não parei de olhar para a piscina enquanto trabalhava no interior. Sempre que via aquelas raparigas de roda dele, estremecia.

A dada altura, o Gavin afastou-se do grupo, despiu a camisola e mergulhou na piscina com uma precisão fantástica. Eu podia ter ficado a olhar para aquilo sem qualquer interrupção. Para conseguir observá-lo, fingi estar a lavar os vidros das portas para o pátio.

Quando o Gavin finalmente saiu da piscina e puxou o cabelo molhado para trás, pareceu mover-se em câmara lenta, deixando-me a admirar-lhe os músculos do tronco.

Como se presentisse que eu estava a observá-lo, ele olhou na minha direção. Virei-lhe as costas e fingi uma vez mais estar embrenhada na limpeza.

Quando voltei a olhar para lá, ele continuava a fitar-me. Esboçou aquele sorriso malandro e eu retribuí-lhe o sorriso. Sentia as faces a arder.

Ele avançou na direção da porta e colou o nariz ao vidro antes de entortar os olhos. Desmanchei-me a rir e pulverizei mais limpavidros para limpar a vidraça em círculos por cima do rosto dele. Ele esboçou um sorriso largo e embaciou os vidros com o hálito.

Talvez tenha sido esse o momento em que me apercebi pela primeira vez de que estava tramada.



Nessa noite, a minha mãe estava a fazer serão. A Ruth precisava dela para servir o jantar a uns amigos que eles tinham convidado. Por isso, a minha mãe deixou-me em casa e regressou à mansão.

Uma vez que a minha mãe não iria estar em casa para jantar, a minha amiga Marni levou comida mexicana para nós. Éramos amigas desde miúdas. Crescemos na mesma rua e tínhamos imensas coisas em comum, sendo que éramos filhas únicas de mães solteiras que trabalhavam como empregadas em Palm Beach. A June, a mãe da Marni, trabalhava numa empresa de *catering*.

— Como está a correr o novo biscate? — perguntou a Marni, enquanto enfiava um *taco* na boca.

Tirei o papel de alumínio do meu *burrito*.

— Estou a gostar mais do que estava a contar.

— Tiro-te o chapéu. Eu odiaria estar à disposição de um monte de ricos mal-educados o dia todo. A mim não me apanham nessa. Prefiro trabalhar no centro comercial.

— Nem todos os ricos são idiotas — argumentei.

— Bem, a minha experiência diz-me que sim. A minha mãe trabalhou em Palm Beach durante anos e eu ouvi histórias suficientes para chegar a essa conclusão, vai por mim.

— Bem, não são todos intragáveis. — Suspeitava que estivesse a corar.

Ela semicerrou os olhos e analisou a minha expressão.

— Há qualquer coisa que não me estás a contar.

— O que te leva a dizer isso?

— Estás com aquela expressão de quando me estás a esconder alguma coisa.

Limpei a boca.

— O filho mais velho dos Mastersons é muito giro... e simpático.

Ela soltou um suspiro longo e exagerado.

— Fico com pena de ti, se estiveres a desenvolver uma paixoneta pelo Gavin.

Só a menção ao nome dele fez com que o meu coração acelerasse.

— Conheces o Gavin? Não sabia.

— A minha mãe trabalhou em algumas festas em casa deles, por isso, sim. Ela já falou sobre essa família. Os empregados conhecem-se todos uns aos outros. Trocam histórias e comparam opiniões sobre as melhores casas para trabalhar, falam sobre quem são os patrões mais intragáveis, coisas desse género.

— Bem, e o que é que ela disse sobre o Gavin?

Engoli em seco. *Credo, porque é que estou tão nervosa?*

— Não disse nada sobre ele, mas, pelos vistos, a mãe, a Ruth, julga que um dia os filhos vão assumir a direção da firma de advogados do pai, regressar quando concluírem os estudos e instalar-se na ilha e casar com uma das Cinco Fabulosas.

Parecia que ela estava a falar numa língua estrangeira.

— As Cinco Fabulosas?

— Há cinco famílias com filhas tão ricas como os Mastersons: os Chancellors, os Wentworths, os Phillipsons, os McCarthys e os Spillaines. Ao que parece, nada irá conseguir demover a Ruth de

casar os filhos com uma dessas raparigas. — Ela revirou os olhos. — Deus nos livre de estragar o *pedigree*.

— Onde é que soubeste isso?

— Tal como disse, a minha mãe trabalhou em algumas festas deles. Aquelas mulheres embebedam-se todas e contam tudo e mais alguma coisa, sem se aperceberem de que os empregados estão a ouvir. Ao que parece, a Ruth não aguenta a vodca.

— Bem, já sóbria ela é insuportável. Não consigo imaginar como será bêbeda. — Suspirei. — Mas porque é que me estás a contar tudo isto?

— Para te avisar. Tem cuidado. Vi a expressão do teu rosto quando falaste dele. Estavas toda embeijada. Não duvido que ele seja cativante e bonito, mas não tens a mínima hipótese de que isso dê nalguma coisa, por isso, vais acabar por te magoar. Não quero que isso aconteça.

Ela não me estava a dizer nada que eu, no fundo, já não soubesse. O Gavin era areia demais para a minha camioneta. Mesmo assim, não conseguia deixar de me sentir desapontada ao ser confrontada com a realidade.

— Não estarás a pôr a carroça à frente dos bois? — perguntei. — Só estive com ele duas vezes.

— Sim, eu sei. Estou só a pensar mais à frente.

— Bem, estás a pensar demais. Eu posso dizer que uma pessoa é simpática sem que isso signifique mais alguma coisa.

— Estás a dizer que não gostavas de namorar com o Gavin, se tivesses hipótese?

— Estou a dizer que reconheço que eu e ele pertencemos a mundos diferentes e que o facto de eu o achar atraente é irrelevante. Não serve de nada estar a ponderar se namoraria com ele caso tivesse hipótese.

Ela amarfanhou o papel do *taco*.

— Deixa-me que te diga uma coisa sobre as pessoas ricas e poderosas, Raven. Elas divertem-se contigo e depois borrifam-se para ti. Não tenho a menor dúvida de que o Gavin se sente atraído

por ti. Tenho a certeza de que nunca viu uma beleza natural como a tua aqui na ilha. Estamos no verão. Ele sente-se aborrecido. Estou certa de que deve ser empolgante para ele namoriscar com uma pessoa como tu, até porque isso também lhe confere poder. E se essa aventura chatear a mãe? O facto de irritar a mãe é capaz de ainda a tornar mais divertida. Mas, bem vistas as coisas, as pessoas com a educação do Gavin já têm o futuro traçado. E esse futuro não inclui pessoas que vivem do outro lado da ponte, como nós.

As palavras dela deixaram-me verdadeiramente deprimida.

— Credo. Não devia ter falado nisto.

— Ah, não. Ainda bem que falaste. Porque podes sempre contar comigo para te dizer umas verdades.

*Eu estava preparada para tudo...
menos para voltar a vê-lo!*

Quando regressei à casa de família do Gavin para ajudar a cuidar do seu pai doente, estava longe de imaginar que iria reviver todos os momentos que passara com ele dez anos antes, durante aquele que foi o melhor e o pior verão da minha vida. O verão em que o Gavin me mostrou o que era o amor. Mas também aquele em que toda a felicidade me foi roubada e em que o meu mundo ficou virado do avesso.

Dez anos antes, o estado de saúde da minha mãe e a pressão da mãe dele tinham ditado o nosso afastamento, sem que ele percebesse porquê. Eu sabia que ele nunca me iria perdoar, mas eu não podia contar-lhe a verdade.

Depois de tantos anos sem ter notícias do Gavin, não me sentia preparada para o momento do seu regresso. Seria eu capaz de o encarar e de voltar a ter uma relação saudável com ele? Teria ele já esquecido o desgosto que eu lhe causara? Não fazia ideia. A única certeza que tinha era a de que ele ainda mexia comigo... e muito!

**MAIS HISTÓRIAS DE AMOR
SENSUAIS E PICANTES:**



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-010-2



9 789895 640102

Romance Erótico